

COMO ESPERANÇAR¹ NESSES TEMPOS: UMA JORNADA DO SÉCULO XXI.

Thainá Maria da Silva Quitete²

Resumo:

“É tempo de sonhar para sonhadores”³, frase dita em uma sala de aula, no meio de um momento de sucateamento da Universidade Pública e frente à uma sensação coletiva daqueles estudantes que viam sua formação docente prestes a ser prejudicada. Frase forte que representa: “nunca foi fácil, meus caros, esperancemos!”. E assim o presente artigo surgiu com a seguinte pergunta: “Como esperarçar esses jovens nesse período?”. Naquele momento observei a necessidade de esperarçar e nesse momento atual, vejo a necessidade da continuidade desse esperarçar. Esperançar esse que segundo Freire (1980) é se levantar, esperarçar é ir atrás, esperarçar é construir, esperarçar é não desistir!. Por isso, a partir dessas perspectivas e do amor, que são concepções de Freire e que estão intrinsecamente ligadas a Pedagogia Social, inicio a escrita desse artigo .

Palavras-chave: Pedagogia Social; Formação de Professores; Esperançar

Abstract:

“Time to dream for dreamers”, a phrase dated from a classroom, in the middle of a scrapping moment at the Public University and facing a collective sensation of students who saw their teacher training is being undermined. Strong phrase that says: “it was never easy, my dear, let's hope!”. And so the present article came up with the question: "How can we expect these young people in this period?". At that moment, notice the need to proceed and, at the present moment, see the need to inherit that hope. Wait for this second period: "Wait is to get up, wait is behind, wait is to build, wait is not to give up!". Therefore, from these perspectives and from love, Freire's (1980) conceptions and which are inextricably associated with Social Pedagogue, i start writing this article .

Keywords: Social Pedagogy; Teacher training; Hope

¹ Palavra que para Freire (1980) significa: “se levantar, esperarçar é ir atrás, esperarçar é construir, esperarçar é não desistir.”

² Pedagoga pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Grupo de Pesquisa em Pedagogia Social – PIPAS/UFF. E-mail: thainaquitete@id.uff.br

³ Frase proferida pela Prof^a Dr^a Margareth Martins de Araújo, docente no curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense/ Niterói. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Pedagogia Social para o Século XXI. Coordenadora do Curso de Extensão em Pedagogia Social para o Século XXI.

INTRODUÇÃO

*E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.
Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar
é construir, esperançar é não desistir!*

Tudo se iniciou quando ingresso na Universidade Federal Fluminense e tenho a possibilidade de entrar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, onde me interessei mais sobre a formação de professores. Para ser exata, o interesse maior se deu quando adentrei no Programa de Residência Pedagógica, quando ao mesmo tempo aprendia e me fascinava com todo o grupo de estudantes sendo mediados pelas professoras, preceptoras e pela coordenadora do projeto, a partir daí os jovens se tornaram meu principal objeto de pesquisa. Na pesquisa deste artigo participaram: “professora X”, “aluna Y” e a autora deste trabalho.

Para a realização deste artigo foi utilizado como metodologia durante o diário de campo. Neste diário tive por objetivo escrever as falas dos estudantes presentes na disciplina de Atividades Culturais em Pedagogia Social para o Século XXI em 2019.1, focalizando durante a pesquisa, os sentimentos mais frequentes, as emoções e as angústias. Com foco nas suas visões sobre a própria formação docente e como imaginariam essa formação atrelada às perspectivas da Pedagogia Social.

Antes de iniciar esse artigo, gostaria de contar a história por trás da escolha de utilizar os jovens em formação como objeto dessa presente pesquisa. Tudo começou na Residência Pedagógica, onde fui bolsista, que antes de iniciarmos na escola, fizemos um Curso de Formação no qual éramos preparados para a entrada nas escolas. Atuaríamos em Creches Comunitárias do município de Niterói, onde estavam os objetivos maiores do Projeto, que eram atuar na Educação Infantil com crianças em situação de vulnerabilidade social.

De início, nos pareceu um desafio imenso, pois iríamos adentrar em locais jamais imaginados. Escolhi atuar em uma Creche Bilingue

Português/Libras, onde a professora era surda. Grandes desafios, mas que encarei de frente. Durante o estágio e os planejamentos observava a professora, que era excelente com a turma e também observava as principais dúvidas que surgiam nos diversos encontros na Universidade, onde partilhávamos cada experiência e cada fazer docente.

Aquela experiência foi importante para a minha formação como professora da educação básica, mas principalmente na formação como professora da educação básica das classes populares. O cotidiano se fazia ali fincado na escola e gritando sobre as vulnerabilidades encontradas durante todo o processo de encontro, pesquisa e fazer docente.

Não sendo fácil, por muitas vezes chorava após os encontros, declarava minhas angústias junto às minhas amigas de Projeto refletindo sobre como aquelas crianças esperavam a semana para nos encontrarem, como cada abraço era valioso para elas, como o colo e o afeto importavam mais que os diversos encontros literários que proporcionávamos a elas.

Utilizávamos como base a Pedagogia Social que aprendemos durante o curso de Formação, não nos afastávamos do afeto, do carinho e do ouvir. Tinha dias que aquilo era a necessidade a ser suprida e assim o fazíamos, sem medo. Observava as falas das crianças, seus encontros consigo e com seus amigos, aquilo me intrigava, chegava em casa e escrevia no relatório sobre tudo vivenciado, as falas, os fazeres e os modos de ser naquele ambiente.

Sendo assim, eis que chega a tão temida Monografia e me pego pensando: “qual tema me atrai?”. A vulnerabilidade e as classes populares me atraíam por ter o meu primeiro contato com elas, mas muito mais que isso, me atraía as falas e os fazeres docentes naquela situação. Entendia que era importante uma formação baseada nessa perspectiva, pois existe um saber docente fora da Universidade que está presente no agora, na prática. Mesmo com todos os planos de ação, planejamentos, estudos sobre currículos acredito veementemente que a formação docente para o esperar é o que mais precisamos nos contextos de vulnerabilidades.

A partir disso, a pedido da minha orientadora de monografia iniciei essa busca a partir de mim, escrevi um memorial, onde falava da minha trajetória até aquele momento. O objetivo era encontrar ali, na minha própria escrita, o que me movia como ser humano. Obtive as respostas e essas eram: O olhar para o futuro, o encorajamento nas crianças, o proteger, a relação rica entre professor e aluno surgiram assim de imediato. Originando assim a monografia com o nome de: “A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA SOCIAL: OLHARES DISCENTES EM FORMAÇÃO”. Por que olhares? Porque o olhar diz muito sobre a perspectiva, o foco em algumas situações específicas, as cores e sobre determinados assuntos, que são coisas muito evidentes durante nossa formação como professores.

DESENVOLVIMENTO

Diante disso, a convite da professora Margareth Martins, participei como mediadora na disciplina de Atividades Culturais em Pedagogia Social, ofertada no primeiro semestre do ano de 2019 na Universidade Federal Fluminense, em Niterói.

Dessa forma, ao se pensar o tema da Formação de Professores, direciono o olhar aos discentes, focalizando nas suas falas, impregnadas de sentido, angústias e questionamentos sobre essa formação. Além de focalizar nas suas falas, focalizo também a relação dessa formação atrelada à Pedagogia Social, onde a disciplina do campo de pesquisa versava sobre essa Pedagogia, na forma de que essa pedagogia possa tentar compreender essas falas e anseios, a fim de contribuir para essa formação.

Assim, a articulação entre os dois temas, a Pedagogia Social e a Formação de Professores no que diz respeito no Ensino Superior, surgiu pela experiência anterior e posterior com esses dois temas. Sempre na tentativa de adentrar nas experiências, anseios e dificuldades de um determinado grupo, incluindo-se constantemente nesse diálogo.

A interlocução dos temas tende a responder as necessidades entre a vida de estudante e vida profissional, que acontece constantemente com os

estudantes em formação das classes populares. Assim, pretendia com a realização do trabalho, que esse tema ganhasse repercussão tanto para pensar sobre os futuros profissionais quanto para pensar a formação desses para atuar na educação popular.

Os objetivos da pesquisa estavam a fim de tentar responder as questões a cerca do tema. Assim, pretendia com essa pesquisa, aprofundar nas questões inerentes àqueles estudantes. Sendo assim, um dos objetivos que pretende-se chegar é que o ambiente Universitário seja o mais acolhedor e democrático possível. Não no sentido somente do acesso ao Ensino Superior, barreira que foi atravessada por muitos estudantes da graduação, mas no sentido do cotidiano e das suas demandas sociais.

Assim, pretendi pesquisar sobre a formação docente no ensino superior, entender as demandas atuais e questionar se essas demandas estão sendo supridas dentro daquele ambiente acadêmico. Principalmente pelo fato do objetivo central da pesquisa, de se ouvir os estudantes da graduação e suas demandas, que permite e considera as experiências e visa, de forma conjunta e democrática fortalecer e criar novas perspectivas, dentro da academia que fortalece e contribui por meio da aplicabilidade de teorias e a construção de uma identidade docente.

A isso Alves (2017, p.6), nos aponta sobre a relação currículo e formação docente pela via do debate e das experiências impregnadas na diversidade das falas, ideias e articulações possíveis. Dessa forma, a justificativa para a realização dessa pesquisa, perpassa pelas questões psicológicas, sociais, situacionais, aos quais os estudantes estão passando, principalmente durante a constante fragmentação por meio do sucateamento da Universidade Pública.

Desse modo, focalizei na formação docente do ensino superior público, em especial nos estudantes da disciplina de Atividades Culturais em Pedagogia Social (2019.1), onde pude observar as demandas dos estudantes, do currículo e da Instituição, ainda durante a formação desses futuros profissionais. A partir disso e com a oportunidade de promover debates juntamente a ações, interessei-me pela formação docente a partir do cotidiano, focalizando na formação docente dos discentes da classe popular.

Sendo assim, a partir dessa experiência pude mergulhar mais na pesquisa sobre currículo, demandas e interação entre Universidade e estudantes. Para isso, acredito no seguinte autor, quando fala sobre formação docente e universidade, ele defende que:

[...] será por meio da pesquisa, desenvolvida em novos espaços que se irá sacudir o marasmo e a apatia que ainda se abatem sobre algumas faculdades e departamentos de educação. (MOREIRA, 1994, p. 136)

Dessa forma, as relações entre Universidade e sociedade, quando se pensa sobre a formação docente, estão atreladas a importância da pesquisa e da aproximação à essa sociedade, que está inserida nas Universidades por meio de seus discentes, a quais pertencem à classe popular e pertencem a uma parcela da sociedade que entende a importância da educação, porém em muitos dos casos, não se sentem representados e ouvidos por essa Universidade.

Sendo assim, a necessidade de se desenvolver essa Pedagogia dentro dessa disciplina é importante no contexto da formação de professores. Sobre a pesquisa no campo da Pedagogia Social, a seguinte autora nos convida ao trabalho de maneira humana ao destacar que:

Duas questões são importantes neste momento, a saber: sozinha a escola nada fará, ela é apenas um dos aparelhos ideológicos de estado (ALTHUSSER, 2000), [...] Será preciso que cada educador se humanize para seus alunos humanizar por sua ação-atitude pedagógica. (ARAÚJO, 2015, p. 235)

Ou seja, a humanização no trabalho que a Pedagogia Social nos oferece quando trabalhamos com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, permite que o trabalho decorra de maneira mais eficaz e direta. Portanto, o encontro com essa Pedagogia desse estudante em processo de formação é essencial, pois permite que este se permita humanizar diante de futuras situações.

E a partir dessa forma de observar o outro de maneira humana, atentei-me as falas dos estudantes do curso de graduação onde nelas debrucei-me sobre suas principais angústias. Em certo dia adentraram todos de preto e com

olhares tristes, então a professora perguntou: “Porque estão de luto?”. E responderam: “Não temos muita perspectiva sobre o futuro, a Universidade está sucateada, a política está uma loucura, são tempos difíceis para os sonhadores”. Logo a “professora X” disse: “Pois são tempos de sonhar para os sonhadores!”.

E ali se iniciou o discurso sobre a vivência da professora com diversos momentos alegres e dolorosos com a educação, momentos que foram essenciais para que chegasse até ali e permanecesse lutando pela educação. Os olhares mudaram, o ambiente ficou mais leve, se sentiam abertos a falar sobre essas angústias e entusiasmaram-se no mesmo momento.

Nesse cenário ao qual me deparei, percebi a necessidade de esperar aqueles jovens diante de todo anseio sobre o futuro que estava ali na frente deles. Assim, o grande autor da Pedagogia Social define esse esperar como:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! (FREIRE, 1980, p.110-111)

Cerca de uma semana depois dessa aula deparei-me com a frase citada pela “professora X” em um cartaz singelo mas muito colorido no mural do prédio, liguei no mesmo momento para ela e bastante emocionada disse: “Sua frase está nos murais e paredes do prédio da Faculdade de Educação!”. Não acreditamos que o encorajamento e a abertura à escuta das angústias dos estudantes permitiram que o esperar impactaria o coletivo ali presente e que esse coletivo ou uma parte dele foi tocada a ponto de externalizar a mensagem com tons coloridos de esperança sobre o futuro.



Imagem I: O primeiro cartaz estava na escada entre o primeiro andar e o térreo da Faculdade de Educação/ Niterói

Com o passar das semanas e durante as aulas disciplinas, optamos por continuar o trabalho e não questionar sobre os cartazes, apenas deixamos que a maneira de se expressar fosse livre, sem querer intimidar ou enfraquecer o movimento. E com o passar das semanas os cartazes se multiplicavam e o enigma sobre quem o escrevia estava no ar dentro da pesquisa. Aparecendo até mesmo na porta do Diretório Acadêmico do curso:

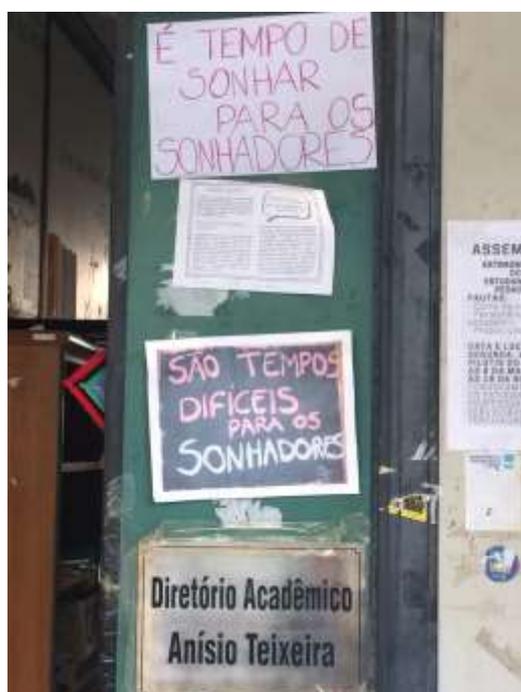


Imagem II: O cartaz da fala da professora x o original na porta do Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação.

Ainda questionando-se sobre a pessoa ou o movimento que estava repercutindo, pensei que já não era mais importante saber a autoria ou tentar entender melhor o que poderia estar por trás daquilo. O esperar, em pelo menos uma pessoa foi realizado, foi cumprido o trabalho de se ouvir àqueles estudantes e potencializa-los nos seus interiores.

Logo após um ano da pesquisa e durante uma live nessa pandemia tive acesso a pessoa que realizou o ato de escrever e movimentar os cartazes, era a “aluna Y”, que finalmente me respondeu a tão grande pergunta: “Conseguimos te esperar?”, ela prontamente respondeu que sim e falou sobre sua experiência diante essa frase. Esse encontro foi o principal mediador para a escrita deste artigo, sinto que encontrei-me durante a pesquisa quando observei o movimento dos cartazes. Me impulsionei a pensar ainda mais sobre o poder potenciador em ouvir e impulsionar as demandas e angustias dos jovens dentro da Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre potencializar as pessoas fico com a frase da poetiza Cora Coralina:



Imagem III: Frase Cora Coralina. Disponível em:<
<https://www.pensador.com/frase/MjM3MDI0OQ/>>. Acesso em: 22 de jun 2020.

Essa experiência durante o trabalho de pesquisa me fez ficar mais atenta ao cotidiano, o autoconhecimento e a potência presente no autoconhecer, tendo como base La Rosa (2003) que versa sobre o conhecimento que:

[...] aprender é algo muito mais amplo, pois é a forma de o sujeito aumentar seu conhecimento. Nesse sentido, a aprendizagem faz com que o sujeito se modifique, de acordo com a sua experiência (LA ROSA, 2003).

Desse modo, a valorização da experiência na vida faz que o sujeito aumente seu conhecimento sobre si e sobre o mundo a sua volta. Ou seja, trabalhar com os estudantes em formação docente sobre essa forma de se autoconhecer, é importante para a libertação do flagelo social que muitos se sentem presos.

E libertar-se é isto: é externalizar, é se expressar, é colorir, é colar cartazes nos muros frios, é expressar seu sentimento de uma forma genuína quando se decide compartilhar para o outro o que foi motivo pessoal para o autoconhecer e o esperar sobre o que antes te afligia.

E hoje durante um encontro online do Grupo de Pesquisa em Pedagogia Social, uma colega de grupo trouxe um pensamento do Livro: “Qual é a tua obra?”, onde na orelha do livro está escrito:

Qual é a tua obra? É ser reconhecido? Desenvolver a capacidade de aprender sempre? Saber o significado da sua poiesis? Encontrar-se naquilo que faz? Enfrentar a jornada do herói? Saber que não sabe? Ser humilde? Aproveitar as oportunidades? Enfrentar o medo da mudança? Saber o tamanho que você tem dentro do planeta? Ter medo da satisfação? Saber lidar com a velocidade das mudanças? Combater o bom combate? Aprender a agir sem cautela imobilizadora nem ímpeto inconsequente? Administrar o tempo e distinguir o que é urgente do que é importante? Ser capaz de inspirar pessoas, projetos e situações? (CORTELLA, 2009)

E pensando nisso, me vem à mente da alquimia da construção, onde o cimento, a areia e a água dançam em suas formas a fim de se construir uma estrutura sólida. Se exagerar em algum elemento pode ficar frágil demais ou até mesmo resistente demais. No cotidiano do diálogo, devemos saber das dosagens ideais em relação ao outro, nessa construção de sociedade ao qual estamos vivendo e reaprendendo a viver.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda. Trajetórias e Redes na formação de professores. Rio de Janeiro. DP&A editora, 1998.

ARAÚJO, Margareth Martins de. Formação de professores e práticas educativas: Novos paradigmas, a minha, a sua e as nossas histórias. In: ARAÚJO, Flávia Monteiro de Barros. Formação de professores: múltiplos olhares. Niterói. Eduff, 2015, p. 223 - 238.

ARAÚJO, Margareth Martins. Meu encontro com a Pedagogia Social. Revista Pedagogia Social UFF, [S.l.], v. 2, n. 02, julho. 2017. ISSN 2527-0974. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/50>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

CORTELLA, Mario Sérgio. Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 6. ed. Petrópolis, Rj; Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LA ROSA, J. Psicologia e educação: o significado do aprender. Porto Alegre: EDiPUCR, 2003.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A formação de professores na universidade e a qualidade da escola fundamental. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org.). Conhecimento Educacional e Formação do Professor - questões atuais. – Campinas, SP: Papyrus, 1994. – (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico.)

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo, 1947, Editora Cortez: Autores Associados, 1986. Coleção temas básicos de pesquisa-ação.

ZACCUR, Edwiges; ESTEBAN, Maria Teresa. Professora-pesquisadora; uma práxis em construção. In: LACERDA, Mitsi. Por uma formação repleta de sentido. DP&A editora, Rio de Janeiro, 2002.